

AVALIAÇÃO DA INFLUÊNCIA DO ANO E DA ESTAÇÃO DO ANO NO RENDIMENTO DE CARÇAÇA DE BOVINOS MACHOS E FÊMEAS

EDOM DE AVILA FABRICIO¹; WILLIAN SILVEIRA LEAL²; FERNANDA REZER DE MENEZES²; GREICY SOFIA MAYSONNAVE²; NATALIA PINHEIRO TEIXEIRA²; LEONIR LUIZ PASCOAL³

¹Universidade Federal de Santa Maria – edomfabricio@gmail.com

²Universidade Federal de Santa Maria – pecpampa@gmail.com

³Universidade Federal de Santa Maria – lpasscoal@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O estado do Rio Grande do Sul possui uma participação efetiva na produção de carne bovina do Brasil, sendo o 7º maior rebanho do país com aproximadamente 12,5 milhões de cabeças (7% do rebanho brasileiro), abateu em 2012, cerca de 2,92 milhões de cabeças, uma taxa de abate (23,4 %) superior à média brasileira, resultando em 559 mil toneladas de carcaça (ANUALPEC 2012).

Por muito tempo no Rio Grande do Sul a comercialização dos animais e remuneração dos frigoríficos ao produtor foi feita com base no peso vivo destes. Atualmente, a forma mais comum de remuneração de um lote de animais é pelo peso de carcaça, chamado de pagamento pelo “rendimento de carcaça”. O rendimento do animal serve apenas como base para converter o preço percebido para o peso do lote na origem, ainda vivo. Isso ainda é considerado importante pelos produtores pela cultura de comercialização pelo peso vivo.

Porém o rendimento é fonte frequente de conflitos entre produtor e indústria, pois produtores que comercializam animais de qualidade inferior esperam ainda um bom rendimento (PASCOAL et al., 2011). Logo é importante constatar se existem outros fatores que influenciam nesse aspecto.

Desta forma, o objetivo deste trabalho foi comparar o rendimento de carcaça de bovinos de corte (machos e fêmeas) com base no peso na origem, em diferentes anos e estações do ano.

2. METODOLOGIA

O estudo foi conduzido no Departamento de Zootecnia da UFSM, que utilizou como instrumento de análise o levantamento de dados do abate de um Frigorífico com Serviço de Inspeção Federal (SIF), localizado na Região Central do Rio Grande do Sul. A coleta de dados foi realizada no período de três anos (1º de Janeiro de 2010 até 31 de Dezembro de 2012).

Foram acompanhados 730 dias de abate com um volume de 7.570 lotes abatidos totalizando 272.484 cabeças provenientes de 125 municípios do estado do Rio Grande do Sul, sendo descartados os lotes que possuíam menos de cinco animais e os lotes que não apresentassem registro de peso na origem.

Foram obtidas as variáveis, data de embarque (data em que os animais foram transferidos da origem para o frigorífico), município de origem, sexo dos animais (macho e fêmea), número de animais abatidos em cada lote, peso de origem (peso vivo registrado na hora do embarque), peso de carcaça quente menos 2% de desconto para se obter o peso de carcaça fria do lote. A

porcentagem de rendimento de carcaça de origem (% de rendimento) foi determinada por:

$$\text{Rendimento, \%} = \frac{\text{Peso de carcaça fria, kg}}{\text{Peso vivo de origem, kg}} * 100.$$

O modelo matemático empregado foi o delineamento inteiramente casualizado em esquema fatorial duplo (sexo x ano e sexo x estação do ano).

Os dados foram analisados no pacote estatístico SAS 9.1, submetidos ao teste de comparação de médias de Tukey, em nível de 5% de significância.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com já é de conhecimento na literatura (JUNQUEIRA et al., 1998; COUTINHO FILHO et al, 2006) a média de rendimento dos machos foi significativamente superior à das fêmeas em todos os períodos analisados.

Na Tabela 1 são apresentados os resultados da comparação do rendimento de origem nos anos avaliados, para os machos o rendimento foi superior no ano de 2012 em relação a 2011 e 2010 que não diferiram entre si, já para as fêmeas os anos 2012 e 2011 foram igualmente superiores a 2010.

Tabela 1 – Média de rendimento de origem nos três anos avaliados.

Sexo	2010	2011	2012	Média	N	Pr>F	CV, %
Macho	49,8 bA*	49,9 bA	50,1 aA	50,0	2979	0,0003	4,03
Fêmea	46,8 bB**	47,3 aB	47,5 aB	47,2	3105	<.0001	4,54

*Médias seguidas de letras maiúsculas diferentes, na mesma coluna, diferem (P<0,05).

**Médias seguidas de letras minúsculas diferentes, na mesma linha, diferem (P<0,05).

Na comparação entre as diferentes estações do ano (Tabela 2) o rendimento de origem foi significativamente diferente para as quatro, sendo que no Inverno foi maior, seguido da Primavera, Verão, e Outono.

Tabela 2 – Média de rendimento de origem nas diferentes estações do ano.

Sexo	Primavera	Verão	Outono	Inverno	Média	N	Pr>F	CV, %
Macho	50,3 bA*	49,6 cA	48,8 dA	50,9 aA	50,0	2979	<.0001	3,75
Fêmea	47,4 bB**	46,7 cB	46,1 dB	48,2 aB	47,2	3105	<.0001	4,28

*Médias seguidas de letras maiúsculas diferentes, na mesma coluna, diferem (P<0,05).

**Médias seguidas de letras minúsculas diferentes, na mesma linha, diferem (P<0,05).

De acordo com PASCOAL et al. (2011) o rendimento de carcaça tem sua ligação mais forte com o volume do trato digestório e visceral, em relação ao seu volume corporal total do que com qualquer outra característica isolada, segundo FEDRIGO (2011) as pastagens nativas perdem qualidade no final do ciclo, e por consequência acumulam maiores volumes de ingesta no trato digestório e visceral dos bovinos, essa fase coincide com o outono, período que obteve menor média de rendimento de carcaça.

O período do Inverno no RS é, segundo SOARES et al. (2005), o período de maior limitação de produção animal em pasto nativo no sul do Brasil, devido às condições meteorológicas menos favoráveis, porém o peso médio de carcaça foi maior no inverno e menor no verão, então isso se explica a medida que no

inverno a maioria dos animais abatidos no estabelecimento estudado são provenientes de pastagens anuais localizadas no planalto médio do RS, essas pastagens possuem maior digestibilidade, reduzindo o volume gastrointestinal dos bovinos, também geram um aporte nutricional de melhor qualidade resultando em melhor acabamento e rendimento de carcaça superior.

4. CONCLUSÕES

A estação do ano exerce influência significativa no rendimento de origem, o que fica fora do controle da indústria.

Para a característica de rendimento de origem os machos são superiores às fêmeas em 2,8 pontos percentuais, independente do ano ou estação do ano avaliado.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANUALPEC, 2012. **Anuário da Pecuária Brasileira**. São Paulo: Informa Econômica FNP, 2012. 378 p.

COUTINHO FILHO, J.L.V.; PERES, R.M.; JUSTO, C.L.; Produção de carne de bovinos contemporâneos, machos e fêmeas, terminados em confinamento. **Revista Brasileira de Zootecnia**, v.35, n.5, p.2043-2049, 2006.

FEDRIGO, J. K. **Diferimento e fertilização de pastagem natural em neossolo de basalto na Campanha do Rio Grande do Sul**. 2011. 95 f. Dissertação (Mestrado em Plantas Forrageiras) - Programa de Pós Graduação em Zootecnia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

JUNQUEIRA, J. O. B.; VELLOSO, L.; DEFELÍCIO, P. E. Desempenho, Rendimentos de Carcaça e Cortes de Animais, Machos e Fêmeas, Mestiços Marchigiana x Nelore, Terminados em Confinamento. **Revista Brasileira de Zootecnia**. v.27, n.6, p.1199-1205, 1998.

PASCOAL, L. L. et al. Relações comerciais entre produtor, indústria e varejo e as implicações na diferenciação e precificação de carne e produtos bovinos não-carcaça. **Revista Brasileira de Zootecnia**, v.40, p.82-92, 2011.

SOARES, A. B. et al. Produção animal e de forragem em pastagem nativa submetida a distintas ofertas de forragem. **Ciência Rural**, Santa Maria, v.35 n. 5, 2005.